

MARTA TERRA

## **SER-SE, SENTIR-SE, CANTAR-SE: MÚSICA E INCLUSÃO**

### **OLHARES SOBRE PROJETOS DO SERVIÇO EDUCATIVO DA CASA DA MÚSICA**

A investigação e a escrita de uma tese podem conduzir-nos ao limiar dos mais desafiantes momentos, aprendizagens e angústias. Colocamo-nos na perseguição do alcance de um conhecimento aprofundado sobre um tema e objeto de estudo, que nos pode remeter ao encontro, no percurso, de confrontações, questionamentos, dúvidas, escolhas... Mergulhamos sobre a matéria e ficamos submersos/as. Até que, em algum momento, teremos de vir à superfície.

É o lado oculto da investigação.

#### **O INÍCIO**

Os principais fatores que me conduziram à determinação do objeto de estudo foram o reconhecimento da pertinência de alcançar um conhecimento mais aprofundado sobre o efeito das atividades educativas no âmbito das artes e da reação dos/as participantes no contacto com estas ações, a sensibilidade pessoal para os problemas sociais, a motivação para o trabalho e investigação em educação artística associada a uma vertente social.

É comum a contabilização e a divulgação de números de visitas a exposições e a outras atividades e ações artísticas e/ou educativas por parte de algumas entidades, contudo, embora esses números possam ser relevantes sob vários aspetos (acessibilidade à cultura, à educação e à expressão artística, permitindo, analisar os públicos, perceber o aumento ou decréscimo da procura, o estímulo e interesse gerado pelas ações programadas), essa expressão numérica não é elucidativa das suas implicações e dos efeitos educativos e/ou sociais para os/as participantes.

O facto da Casa da Música (CdM) ter implementado diversas iniciativas, desde a sua génese, no âmbito da música e da promoção da inclusão social, foi determinante para a escolha do contexto da investigação.

## A INVESTIGAÇÃO

Com uma permanência longa no terreno, com a observação participante de ações dinamizadas ao longo de anos, com a realização de conversas informais e de entrevistas, este estudo teve a particularidade de se ter desenvolvido no interior dos projetos, tendo como preocupação central os seus destinatários e a valorização da sua formação, das suas percepções e representações sobre as experiências vivenciadas.

O objetivo central da investigação era compreender como é que os os projetos do Serviço Educativo (SE) da Casa da Música (CdM) e desenvolviam – nomeadamente no que toca à interação entre os sujeitos e efeito das ações promovidas; e analisar o seu grau de relevância para a formação, expressão e construção identitária das pessoas que nele participam, equacionando o modo como se pode potenciar os seus efeitos numa perspetiva de promoção da inclusão social.

Para além disso, pretendia-se: entender a forma como o trabalho educativo desenvolvido afeta os participantes; estudar e refletir sobre a promoção da inclusão social através música, a partir do ponto de vista da experiência, das percepções e das representações dos intervenientes (participantes, músicos, equipa social); entender o papel da educação musical na vida dos/as participantes, conhecer as suas perspetivas e compreender os efeitos que o projeto tinha neles; construir um conhecimento aprofundado sobre as dimensões e valências da implementação de projetos educativos musicais, de natureza não formal e de intervenção comunitária; analisar a forma como as atividades de um serviço educativo que desenvolve, em larga escala, este tipo de atividades podem contribuir para uma educação holística e para um sentimento de valorização pessoal e de bem estar dos/as participantes; aprofundar o conhecimento sobre atividades artísticas (musicais) com comunidades e pessoas mais frágeis do ponto de vista social, psicológico ou físico, sob diversos ângulos; atender às implicações da dinamização dos espaços, das instituições e dos profissionais associados aos projetos, bem como da promoção da formação e expressão artística nos indivíduos e suas comunidades, além projeto.

O Percorso Metodológico foi caracterizado pela permanência longa no terreno, que se entendeu fulcral para o conhecimento aprofundado que se procurava sobre um objeto de estudo que implicava uma relação de proximidade da investigadora com as ações do projeto e sujeitos intervenientes.

Através da observação participante, da realização de conversas informais e de entrevistas, este estudo teve a particularidade de se ter desenvolvido no interior dos projetos, tendo como preocupação central os seus destinatários e a valorização dos seus pontos de vista, das suas percepções e representações sobre as experiências vivenciadas e a importância que lhe atribuem.

A observação participante, as conversas e as entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa, de forma mais intensiva, ocorreram nos projetos A Casa Vai a Casa (ACVAV) e Som da Rua (SdR), em períodos diferentes: no ACVAC, em 2015/2016; no SdR em 2014, 2016 e 2017.

A metodologia delineada no início foi adaptada com a presença no terreno e face às circunstâncias. Inicialmente, a investigação delineou-se por métodos associados à Investigação Qualitativa, à Investigação Etnográfica e à Antropologia Visual mas pelas razões que irei avançar, a fotografia e o vídeo viriam a ser afastados. Sobretudo no caso da fotografia, embora a decisão não tenha sido difícil - pois consciente e convicta que era necessária; foi dura para alguém que na fotografia tem um meio de expressão.

Estar a recolher dados através de notas de campo ou fotografia durante a participação nas sessões não era compatível com uma participação plena (enquanto participante) e querer ter um lugar no grupo como qualquer outro participante, sem ter qualquer tipo de destaque, não se coadunava com estar com um caderno a fazer apontamentos ou com uma câmara fotográfica ou de vídeo a fazer registos/gravações. Era o receio de estar a invadir o espaço e a imagem de cada pessoa e o espaço de todos. Somos sensíveis ao alcance que atualmente uma imagem pode ter num curto espaço de tempo, passível de uma difusão através da internet e/ou das redes sociais.

De acordo com Barthes (1975), há um momento em que é preciso voltar-se contra o método ou pelo menos não o entender como “privilégio fundador”.

A partir daí, esta investigação de natureza qualitativa contou essencialmente com:

I) Observação participante de atividades dos projetos, procurando-se a expressão da diversidade de contextos, características e multiplicidade dos/as participantes;

II) Realização de conversas informais, de entrevistas e conversas com os diversos intervenientes, pretendendo-se saber quais as suas perceções e expectativas;

III) Procura, estudo e análise de produções teóricas e discursos sobre práticas em educação artística com comunidades incidentes na área da música comunitária e/ou artes comunitárias e de inclusão social.

A recolha de dados abundantes e pormenorizados, respeitando os discursos, os relatos, as diferentes versões sobre um mesmo acontecimento e a linguagem e vocabulário dos participantes, o que se pode revelar fundamental para a compreensão e para o relacionamento que se pretende estabelecer, foi uma procura constante.

A presença duradoura e acentuada no terreno permitiu uma amplitude de conhecimento ao permitir estar presente em centenas de momentos, de ensaios, ver e ouvir (muitas vezes) as mesmas pessoas.

Das várias vozes e narrativas, observamos que nelas podemos encontrar diferentes experiências, ideias que não são consensuais, mas há também visões que se assemelham, independentemente dos papéis dos diferentes intervenientes.

Pode haver ou não um consenso. Não existe uma forma única de conceção da realidade.

Dissenso quer dizer uma organização do sensível na qual não há realidade oculta sob as aparências nem regime único de apresentação e interpretação do dado que imponha a todos a sua evidência. É que toda situação é passível de ser fendida no interior, reconfigurada sobre outro regime de perceção e significação. (Rancière, 2014:48)

Afinal,

a democracia exige um “consenso conflituoso”: consenso sobre os valores ético-políticos de liberdade e igualdade para todos, e dissenso a respeito da interpretação desses valores. Portanto, deve-se traçar uma linha entre aqueles que rejeitam completamente esses valores e aqueles que, embora os aceitem, defendem interpretações conflitantes. (Mouffe, 2015:121)

Nos projetos analisados, a conceção de educação artística passa pelo entendimento que a educação artística vai muito além da música, das aprendizagens musicais, permitindo potenciar o trabalho de grupo e realizar aprendizagens também ao nível das relações sociais.

Em algumas pessoas, a mudança parece estrutural e significativa. Falamos de motivações para comportamentos saudáveis, da valorização pessoal e da autoestima e falamos também de empoderamento e de exercício de cidadania, nomeadamente de um sentido analítico e crítico face ao projeto, presente em alguns depoimentos.

Essa visão analítica ou mesmo crítica sobressai e pode/deve ser considerada como algo de extremamente positivo para o próprio projeto: não só demonstra o empoderamento das pessoas e o exercício de cidadania, como um sentido de pertença e interesse pelo grupo, o reconhecimento do seu papel no grupo enquanto membro, como revela, também, que pode haver espaço para mudança(s) no projeto, algumas até de implementação fácil e possível a curto prazo, que podem projetar outras possibilidades e potencialidades.

O “cidadão não é apenas o membro de uma nação, ele é também autónomo, capaz de julgar por si seus interesses e os da nação.” (Dubet, 2011: 291)

**Por fim**, considero que a investigação é uma (longa) viagem. A distância e o tempo que nos separa de determinados momentos, questões e/ou problemáticas, cumprem um papel na investigação e na escrita da tese. Aceitar os desvios sem receio é um processo e é algo importante para a segurança no avançar da investigação e na escrita.

A importância da partilha sobre o processo e a investigação entre pares e com pessoas que já passaram por processos idênticos e/ou semelhantes, pode revelar-se importante para a travessia, tornando o lado oculto da investigação visível.

---

Referências Bibliográficas:

Barthes, Roland (1975). *Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios*. Lisboa: Presença.

Dubet, François (2011). Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. *Revista Brasileira de Educação*, 16 (47), 289-305.

Mouffe, Chantal (2007). *Práticas artísticas y democracia agonística*. Barcelona: MACBA.

Rancière, Jacques (2014). *O Espectador Emancipado*. São Paulo: WMF martinsfontes.

MARTA TERRA – É investigadora colaboradora do I2ADS – Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, uma unidade de I&D sediada na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP).

Doutorada em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes (FBAUP) e Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) - com investigação e tese na área da arte e inclusão, arte comunitária e participativa; é também mestre em Ensino em Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário (FPCEUP/FBAUP) e com Pós-Graduação em Gestão Cultural pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE/IPP). Licenciada em Arte e Comunicação/Fotografia. Participou em diversas exposições coletivas e realizou exposições individuais.

Professora de Artes Visuais (grupo 600), lecionou por diversos anos nesse grupo.

Trabalhou na ONG Rede Portuguesa de Jovens para a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens e fez parte dos Órgãos Sociais, como Presidente da Assembleia Geral.

É atualmente Coordenadora da Área Educativa e Cultural da Cooperativa Árvore, tendo feito parte dos Órgãos Sociais (2015-2018).

É Coordenadora e Diretora Artística do projeto *Habito o Mundo*, um projeto financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação La Caixa no âmbito da iniciativa Partis & Art For Change.

Tem experiência em desenvolver e coordenar projetos culturais e de educação artística adaptada ao público destinatário, de educação não-formal, em contexto escolar e não escolar.